

IMPRESSÕES, EXPERIÊNCIAS, DIFICULDADES E ESCOLHAS DENTRO DA SALA DE AULA

Elisabete Mari Ghisleni*

Resumo: Nesse artigo estão contidas minhas experiências, impressões, dificuldades e aprendizado, como também a aplicação de estudos teóricos que discutem poder, disciplina autoridade, saber e relações cotidianas em sala de aula no ensino de 1º grau, no período de regência.

Unitermos: educação, poder, saber, disciplina, cotidiano, experiências.

Este artigo é o resultado da experiência no estágio supervisionado que se insere dentro da disciplina de Metodologia e Prática de Ensino de História, ministrada no quarto ano do curso de graduação em História da Universidade Estadual de Londrina. O estágio do primeiro semestre do ano de 1996, ocorreu no Colégio de Aplicação com uma turma da oitava série do primeiro grau, e teve como supervisora a professora e Coordenadora de estágio Ensino, Marlene Rosa Cainelli.

Depois de um período de observação, comecei minha regência. Foi como se tivesse caído de pára-quedas num jogo complexo que estava impregnado de suas próprias regras criadas nas relações cotidianas, aluno-aluno, professor-aluno, professor-professor.

Eu iria *reger as aulas*¹ que me cabiam, viajando sobre o tema *Reforma Protestante*, um assunto complexo. Tive a sorte de, nesse mesmo período, estar no ar um filme na TV sobre a Inquisição, 'O Poço e o Pêndulo'². Antes do primeiro dia de aula, pedi que o filme fosse assistido e recontado pelos alunos por escrito. Mais tarde, ao fazer a leitura do resultado obtido, percebi que estaria me envolvendo com um grupo bem plural dentro do campo das diferenças entre linguagem, experiência e saber, um grupo bastante heterogêneo. No primeiro dia de aula discutimos o filme, buscando situá-lo no tempo e

* Graduanda do Curso de História. Universidade Estadual de Londrina - Londrina/ Pr.

¹ O termo *reger aula* está dentro do sentido de ministrar uma aula.

² O filme "O Poço e o Pêndulo" foi produzido em 1991 nos E.U.A, e dirigido por Stuart Gordon, o texto do filme é uma requintada adaptação do Clássico de Edgar Allan Poe "Pit and the Pendulum" a temática se insere dentro do contexto da Idade Média, 1492, onde é feita uma leitura do processo de decadência da Igreja e das práticas da Inquisição.

no espaço. Em seguida procurei esboçar o assunto sobre o qual iríamos discutir. Procurei nesse momento, relacionar o tema com o presente, com o vivido, mantendo diálogos com os alunos, buscando a verbalização de suas próprias experiências com a religião dentro de suas práticas e relações cotidianas onde convivem budistas, protestantes, católicos etc... Através desse debate, conseguimos estabelecer um diálogo, pois todas as observações tecidas pelos alunos, mesmo aquelas que tendiam fugir do tema, eram trazidas para o debate. .

Muitos professores acham que aluno bom é aluno quieto ,mas na maioria das vezes aluno quieto pode não significar aluno “ali”, na sala de aula, participando e envolvido pelo assunto. Justamente na semana de minha regência, apresentamos um seminário na Universidade onde abordamos as relações de poder ,saber, disciplina, e como compartilhar o conhecimento. Discutimos, também, o autoritarismo na sala de aula, temas iluminados por alguns autores como Michel Foucault³ . Usamos como apoio para a discussão um texto de Suely Amaral Mello, chegando às seguintes questões; Há dentro da sala, de aula uma batalha pelo silêncio, “A batalha pelo silêncio acaba calando toda a possibilidade de argumentação, crítica, reflexão, e participação do aluno, permitindo apenas o exercício da obediência da autoridade e da submissão...” (MELLO, S.A.op.cit.),a obsessão pelo silêncio e pela ordem faz a confusão entre educação e treinamento disciplinar, onde a experiência do aluno não conta, a palavra não circula. Após refletir sobre essas questões resolvi experimentá-las na prática. É nesse aspecto que centrarei a descrição de minha experiência em sala de aula e meu diálogo com os pressupostos teóricos abordados nos temas acima relacionados .

Como disse anteriormente, estar em silêncio pode não significar estar atento ao professor que está ali expondo conceitos e idéias. É preciso que o assunto a ser exposto nos diga muito a respeito, para que nos concentremos com potencialidade, permitindo que nosso interesse nos remeta ao interior das reflexões abordadas. Sabendo disso, resolvi em meu primeiro dia de aula chamar meus alunos

³ FOUCAULT,(1977), demonstra o *caráter disciplinar* da nossa sociedade, e como a escola a fábrica a prisão e outras instituições, impõe condutas a uma multiplicidade humana, gerenciando os corpos, tratando-os como “coisa”, por sua vez o poder disciplinar circula dentro da sociedade, *opera* através das *microrelações* cotidianas onde se estabelece uma *micropolítica*, formando uma rede, uma teia, onde o indivíduo sofre e exerce o poder, romper os elos dessa teia, é um desafio cotidiano.

“relâmpago” para o tema, para o debate, buscando as relações e as experiências deles com relação ao assunto. Percebi que os que mais gostavam de conversar foram os que mais participaram. Todo e qualquer tipo de comentário era trazido para o debate, mesmo as “gracinhas” mais comuns.

Logo no primeiro dia de aula, expus as regras do jogo que iríamos jogar enquanto eu estivesse na partida. Falei da forma de avaliação, optei por não aplicar uma prova, que na verdade não prova muita coisa, optei pela prática da **produção de textos**, sem cópia, tanto nas atividades em sala de aula, como nas atividades tarefas. No final tudo seria somado constituindo uma nota. A prova é a principal mercadoria da escola, implica na memorização, cópia e cola, prática cartesiana e mecanicista, onde se observa que no resultado o aluno não aparece como sujeito, e sim como máquina de copiar e decorar. Consegui que no primeiro dia de aula me fosse entregue um texto produzido por eles.

Cada dia é um dia diferente, único e envolto de novas situações. No dia seguinte foi decidido no conselho de classe um mapeamento da sala de aula, visando separar as pessoas que se identificam, ou seja aqueles alunos que ficam conversando entre si. Isso muito contribuiu para que a aula ficasse tumultuada, não foi uma boa experiência, pois preciso confessar que nessa aula cometi alguns erros. Os alunos da oitava série são muito dinâmicos e sedentos por imagens dinâmicas acompanhadas por textos curtos e sintéticos. Nessa aula não consegui despertar o interesse, por parte deles, pelo assunto, que parecia não lhes dizer respeito. Percebi que tinha caído na prática mecânica, tradicional, de expor a aula, uma forma bidimensional: cada um leu um pedaço do texto, usei muito o quadro de giz. Descobri o que nunca devo fazer em sala de aula.

Com relação aos textos produzidos pelos alunos, os resultados são surpreendentes. Eles são criativos quando se sentem livres para expressar a sua compreensão com suas próprias palavras sem medo de errar. Trabalhamos várias formas de textos produzidos por eles, como histórias em quadrinhos, construções poéticas e textos narrativos

Depois de sucessos e fracassos atingimos um equilíbrio. As últimas aulas do estágio foram as melhores, os alunos demonstraram bastante interesse pelo assunto em questão Estávamos trabalhando o protestantismo e as revoltas camponesas na Alemanha, e fiz algumas analogias com o recente massacre dos sem terras ocorrido na região do Pará. A partir dessa aula pude perceber que a história pode ser contada de vários ângulos. Busquei ressaltar as tensões ocorridos no

momento histórico trabalhado, buscando fazer a ponte com as tensões do nosso cotidiano presente, dentro da pluralidade de desejos e interesses e não esquecendo de trabalhar as especificidades de cada momento histórico.

Minha última aula começou tensa. Novamente foi imposto um mapeamento dos lugares⁴ a serem ocupados pelos alunos no espaço físico da sala de aula. Assim que todos foram demarcados e posicionados de acordo com o mapa, pedi que os alunos se juntassem em duplas, dissolvendo o mapeamento. Iríamos fechar a unidade e fizemos um rápido resumo. Em seguida pedi que cada dupla escrevesse com suas próprias palavras, sem nenhum veículo de consulta a não ser o professor, um texto síntese. A relação com eles nesse momento foi bem pessoal. A tática da dissolução do mapeamento da sala, foi usada devido à péssima experiência com aulas anteriores onde essa prática foi adotada. Os alunos ficaram super agitados, pois o mapeamento desmantela os grupos de identidade para que se obtenha o tão sonhado silêncio da sala de aula, sendo que quando sua aula está bem estruturada, é possível trazer os alunos para o debate, experiência bem sucedida de minha primeira aula.

Concluindo, posso dizer que através dessas experiências, pude refletir que caminhos adotar em minha prática como profissional. Dentro da sala de aula é possível ousar e experimentar novas táticas; ousar e experimentar não são práticas fáceis, pois os profissionais do ensino se deparam com todas as matizes de desafios que vão desde as relações e práticas políticas dentro da própria instituição com seus departamentos e direções, até as relações em sala de aula com os alunos, mas se torna imprescindível buscar novas possibilidades de vida para prática do ensino. Às vezes passo pelos muros da escola, e sei que meus alunos “relâmpago” estão lá todas as tardes, isso me dá um sentimento estranho e negativo, penso que eles poderiam estar fazendo coisas melhores dentro da escola. A escola tem sido muitas vezes, um mecanismo de disciplinarização e punição, longe de ser um lugar de trocas de saber e de experiências

⁴ O **mapeamento de lugares** é quando o professor ou o conselho de classe decide separar fisicamente os alunos que se identificam, e por isso se sentam próximos uns dos outros; através do deslocamento desses de seus lugares de escolha dentro da sala de aula, modifica-se a configuração espontânea e é imposta uma configuração pré estabelecida, um mapa de lugares a ser respeitado pelos alunos.

entre professor-aluno, aluno-professor, pois quase tudo funciona mal, os alunos usam de suas próprias táticas para resistir à disciplinarização, talvez porque o ser humano não nasceu para ser um bio-máquina.

Recentemente recebi a triste notícia de que um dos meus alunos “relâmpago” veio a falecer, e fiquei pensando nas muitas coisas que ele poderia ter feito todas as tardes da semana, que nos seus poucos quatorze anos, a escola lhe “roubou” mais da metade da vida para lhe oferecer o quê?..n o que há de positivo nesta situação é que o ensino escolar está em crise, e estar em crise é um passo, pois nunca se discutiu tanto a educação no Brasil como nos últimos anos.

Referências Bibliográficas

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MELLO, Suely Amaral. Decifra-me ou devoro-te: Relações de poder na sala de aula. *Cadernos de FFC Marília*, v.2, n.1, 1993.